



GIL VICENTE



Comemoração dos interesses locais
(Humorístico, Literário e Noticioso)
Propriedade da Empresa "Gil Vicente"
Redacção e Administração:
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100

VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrepeñones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones*
VAQUEIRO

Director: — A. Fernandes
Redactor principal e Editor: — J. Luis Caldas
Administrador: — A. Faria
Secretario da redacção: — Simão Pinheiro R. Guimarães
Composto e impresso no Typ. Minerva Vimaranesa

ANO MALDITO

Nunca escrevemos sob uma impressão tão profundamente acobrdadora. A nossa alma não está contente, neste Natal que agora passa. Uma tristeza imensa nos tortura, nos aflige e a nossa pena nem quer desenhá-lo no papel as impressões que nos veem do intimo. E que não pode viver com alegria quem meditar sem paixão e sem partidarismo a vida actual da sociedade portuguesa. Vida de desgraças sem conta que nos leva fatalmente á ruína onde todos nos perderemos sem honra e sem a alíviz na desgraça — porque tudo nos falta — é a que para si vive esta gente que enoja e que aborrece. Só um coração duro e insensível como o dum demagogo pode conservar-se indiferente ante um quadro onde tudo é trágico.

A vida portuguesa neste acabar merencório do ano de 1919, bem merece o génio dum desses trágicos da idade aurea da literatura grega, para a retratar. É uma vida de escândalos e de roubalheiras e de manigâncias. É um desfazer de feira. E assim acabará o ano que na história de Portugal marca uma época de decadência pavorosa. Termina como começou.

Mas porque principiou este ano tam mal para acabar ainda pior? Não é preciso fazer grandes esforços de memória, para recordar o que foi a politica nacional como effeito immediato do assassinato do Dr. Sidónio Paes; há consideração dessas consequências esta a explicação do caos em que penetramos e do qual não sairemos com facilidade, se não mudarmos de processos de combate. A morte desse Homem foi uma desgraça nacional. Ele representava a ordem, a economia, o crédito, o bom nome e a confiança em milhares de dias. Os seus inimigos, a desordem, o desequilíbrio económico, o descrédito, uma reputação má e um futuro como a miséria do presente. Durante um ano o bem e o mal se bateram. A luta foi grande. De gigantes mesmo. Quem venceu? Os senhores do presente. E venceram porque souberam tirar quando um bandido matou o Valente. Saber zólibar é uma das grandes qualidades dos demagogos, até quando o escárnio atinge a nacionalidade no que ela tem de mais elevado, o bom nome!

Nos dias que se seguiram á morte do Presidente, a hira appareceu em publico. Um governo de mentecaptos vivava-se ora para a direita, ora para a esquerda. Fazia namoro a todos. Tamagnini Barbosa, perdeu o conhecimento que antes tivera do verdadeiro sentir da nação. E essa perda lamentavel, num homem que fora uma esperança, foi a causa proxima, immediata da formação das Juntas Militares que invocaram, para se constituírem, o nome do Domador de feras. O medo de que a república se perdesse, fez com que o governo as visse mal. Elas contudo eram uma força. O sul

mexia-se tambem. E nós que perdemos a esperança em dias de resurgimento, quando vimos cair Sidónio Paes, levantamos então o coração ao alto e vivemos confiança nos elementos militares! Pensamos que a afronta que lhes cuspira Caldeira Scévola, chamando-lhes «cabides de farda», ia ser lavada. Julgamos que o engeitado de Ceia, não mais insultaria com razão o militarismo, chamando-lhes durindanas... Os demagogos não é demais insistir neste termo — tremaram. Os oferecimentos para a defeza da republica appareciam. O governo aceitava e não se decidia. Vila Real dá o sinal de revolta contra as Juntas. Estas submetem-na. Em Vizeu é preso o delegado do governo, que era o general Abel Hipólito. Em Braga é deposto o comandante da divisão. Em Portugal havia dois governos. Um no Norte. Outro na Lisboa da anarquia e do crime. Santarem levanta-se pela democracia! A Covilhã e outras terras imitam-na. As Juntas salvam ainda a ordem e o governo de Tamagnini Barbosa parecia caminhar para a direita. Foi um engano em que as Juntas caíram, quando, em vez de se ficarem por Santarem a gosar os frutos da vitória, deviam marchar sobre Lisboa e depôr um governo que não merecia confiança ao país. Não o fizeram, e o resultado foi o pronunciamento militar do Porto. O Norte aceitou com entusiasmo a Monarquia. Ninguém o pode negar. O contentamento foi grande. As populações saudaram com força o regime que nos deu bem estar e nos fez grandes. O movimento, talvez por incapacidade de quem o dirigia, e mesmo porque foi proclamado um rei que na derrota ultraja os seus adeptos, aquelles que deram o peito ás balas nas escarpas de Monsanto, nas veigas de Estarreja, nas penedias de Villacassou. E com a volta da democracia, começa então o sudário. As rendas publicas são absorvidas por um funcionalismo, recrutado entre os amigos do... nem sei como chamar-lhe. A denúncia, a caça ao emprego são premiadas com uma colocação certa. O delator vai para o logar do denunciado. O professorado, a magistratura, a milicia, todas as profissões enfim, passam a ser vigiadas por espiões que denunciam, a torto e a direito, para bem defenderem a república. No país asfixia-se. Ninguém está seguro. Todos tremem pelo seu futuro. As cadeias enchem-se. O exílio, acolhe muitos foragidos da mãe pátria. Dezenas, milhares de empregados publicos perdem os seus logares porque alguém lhes apeteceu! E neste século de liberdade não é lícito a ninguém ter opiniões politicas diferentes das de quem manda! Como nós andamos para traz, e como nós parecemos com aquelles que desconheciam os direitos de cada um em épocas tam distantes de nós.

A incompetência dos empregados publicos, colocados nos logares dos competentes, tornou tipico o ano que corre. A seguir ao governo de José Relvas veio o de Domingos Pereira verdadeiro governo de anónimos que agravaram o tesouro em trinta mil contos anuais. Uma vergonha, um descrédito para a nação foi esse gabinete, onde houve ministros que nem para administradores serviriam, se nós vivéssemos em épocas em que os ajudados mandassem. Esse governo, pôs fóra do exercito as suas figuras mais notáveis. A perseguição atingiu o seu auge. E no país começou de ouvir-se um clamor geral, em que havia protestos sentidos de consciências ultrajadas e gritos de creanças, de esposas e de mães, a quem a república tirou o pão. Das bocas de inocentes saíram gritos de maldição. E o regime que a inocência amaldiçoou, não pode vingar. As torturas do Eden, eram uma mentira. A mulher que tocava o tal piano, nem sabia o que isso era. O leão que envolvera cadáveres, fóra dado a um marchante que o tingira de sangue de boi. As caveiras vietam dos cemiterios do Porto. Os roubos nos bancos, não se provaram. E o país não odiou, como os republicanos queriam, os vencidos de Feveteiro. Começaram os julgamentos. A formiga, os tralheiros vermelhos, obrigam os juizes a dar sentenças condenatórias. Os absolvidos são corridos a tiro. Mata-se na rua, espanca-se na praça pública. E um grito de — viva a república — acaba sempre uma façanha em que a cacetada, o cavallo marinho e a pistola andam em acção. Na pátria portuguesa vive-se mal. A conferência da paz, onde se sentaram da parte de Portugal, uns nolos, não nos atendia. Cunha e Costa, levanta uma campanha nas colunas da «Epoca», e vergasta os empreiteiros da guerra, e os responsáveis pelos desastres de Newala e o de Abril. O partido democrático, odiado por todos os homens de bem, senta-se nas cadeiras do poder, e não o largará ás boas. Os presos politicos são mandados para o Funchal, e quando todas as consciências honestas, pedem uma amnistia, o governo de Sá Cardoso, manda as mais brilhantes notabilidades do exercito para Monsanto. Que de torturas e que de enxovalhos e que de martirios passam os pobres presos monarchicos nas cadeias da república. Esta bem podia emendar erros velhos e preparar o bem estar do país. Não quiz. Quere continuar a indispor contra si a opinião pública da nação. Voltamos aos tempos das lutas aceras. De novo a refrega começa. Dum lado a consciência, do outro a inconsciência. Daqui o bem do país, de lá a ruína. Da nossa banda os caracteres, da deles os desqualificados. De cá a honra, de lá a ignomínia. E este ano, é o sexto em que Portugal

Homenagem

Minho, meu doce berço consagrado,
ainda tu uma vez, na ardente vida,
foste a alma da sorte emerecida,
entre os sonhos que tenho erguido e amado.

Tu — que da terra verde ao ar doirado
me elevas! Tu — que a voz enternecida
me ergues, do monte ao mar, como nascida
do teu peito entre as rosas adorado!

De ti, com aurea mão, a voz tremendo,
heis-me sonhando, e amando e recebendo
a vida em flôr, nas formas peregrinas!

Como não fosse já longo horisonte
ser um teu filho, Apolo, e ter na fronte
os loureiros agrados das colinas!

(inédito)
ALFREDO GUIMARÃES.

não tem um Natal de alegrias. Lágrimas, só lágrimas vemos na terra portuguesa. A república só se sente bem quando vê chorar! Que lhe preste. O ódio de todos os homens de bem acabará por matá-la. Morre daninha que vae em 10 anos nos desgraças com os teus frutos de veneno, as tuas raizes estão secas e não tardará que tombes para não mais te levantares.
Natal de 1919.

Mães de Portugal

Nobres mães de Portugal,
O' noivas que haveis de se-lo,
Que seja o vosso divselo,
Nuna crusada imortal,
Pela nova sociedade.
— Nos vossos ternos carinhos,
Educad vossos filhinhos,
Desde a mais tenrinha idade
Nos são principios dos deus.
Mães que ensino salutar!
Ensinao-lhos sempre a amar
O louro Menino-Deus.
MENDES SIMÕES.

Natus est Jesus

NUM presépio, sem as comodidades e caricias que todo o recém-nascido, por mais pobre, gosa, nasceu Jesus — o Redentor da Humanidade. Não obstante este facto, sem igual, há vinte séculos ter ocorrido, ainda hoje é comemorado com o mesmo entusiasmo, fervor e ternura dos primeiros cristãos. E que o Natal é uma festa que inebria o espirito e comove os corações.
Os próprios ateus e scéticos não a vêem com desprezo ou indiferença. Ela impõe-se á meditação de todos, quer cristãos, quer ímpios.
E se o ateu, o indiferente e o scético reflectissem, momentos, serenamente e com desejo sincero de possuir a Verdade, descobririam neste mysterio de profundissima humildade e de redenção, que Aquele Infante a tiritar de frio, sem caricias nem mimos, se-

não o amor castissimo e o mais puro dumá Virgem e dum honrado artista, é Deus. Sim, um Deus revestido da forma humana para nos resgatar e fazer felizes in æternum...
Não ouvís aquelles acordes sublimes que irrompem do Empíreo? E' Jesus a trazer a Paz aos homens que por Ela suspiram sinceramente. Ele veio quebrar, de vez, os grilhões que prendiam a Humanidade ao infortúnio máximo — a impossibilidade de ver e gosar a Deus.
Natus est Jesus — Nasceu o Redentor.
M. FREITAS.

NATAL!

Nasceu Jesus — alegria!
Cantam anjos e pastores:
— Gloria a Deus, á luz do dia
E á Virgem Santa Maria;
Paz na terra aos pecadores!
Repicam todos os sinos,
Nasceu no mundo o amor.
Há rezas, cantos e hinos,
No Ceu, festejos divinos:
Nasceu Cristo — o Redentor!
Cantemos: Natal, Natal!
Deus Menino, o Bom Jesus,
Livrai-nos de todo o mal
E mandai a Portugal
Paz, sustento, amor e luz!
O presépio iluminado
É tam lindo! Vinde vê-lo...
O Menino, nu, rosado,
Sobre palhinhas deitado,
Tem ouro e sol no cabelo.
De olhos mansos como lagos,
Vê já a cruz e os espinhos...
Maria cobre-o de afagos,
Vão adorá-lo os Reis Magos,
Cai neve pelos caminhos.
Ouro, mirra, incenso e mel...
Hosanna, hosanna, Belem!
Herodes treme, cruel...
Bemdito o Deus de Israel
Para todo o sempre! Amem.
Santo Tirso
Natal de 1919
ADRIANO FERNANDES
DE AZEVEDO.

Pro miseris

A' gentilissima menina D. Maria José Ribeiro de Abreu Vilas.

Na noite de Natal, o rito em festa,
Quanto banquetes com prazoz devora,
E sem pensar talvez que aquela hora,
Um coração faminto com horror protesta.

Um pobre ao abandono, enregelado,
Jaz na viela escura da cidade;
Estende a mão, pedindo á Caridade,
De pão alheio um misero bocado.

E' triste o seu lamento, a sua sorte!
Maldiz a vida e deseja a morte,
Porque não tem no mundo um só carinho...

Na fria noite de natal, ah! quantos
Regam a sua com amargos prantos...
Ritos, dal um natal aos pobrezinhos.

MENDES SIMÕES.

O NASCIMENTO DE CRISTO

Na costa ocidental da Asia, entre a Fenicia e o Egipto, junto do então chamado Grande Mar, a parte mais oriental do Mar Interior, hoje Mediterraneo,—era a Palestina.

Ali vivia um povo, profundamente religioso, chamado «o povo de Deus» pela protecção que Deus lhe dispensava.

Era elle que conservava as tradições religiosas. E como as evoluções sociais são, ás vezes, bruscas, este povo teve de sofrer duros cativeros, onde chorou amargamente as infelicidades da sua pátria.

A religiosidade, se não obsteu ás suas infelicidades, ao menos minorou-as, tornando-as quanto possível suportaveis. Desde a culpa do Eden, da qual derivou a infelicidade humana, segundo a Biblia e a crença católica, os judeus — assim chamados porque a principal das tribus era a de Judá — alentaram a esperança dum grande rei que lhes havia de trazer a felicidade, libertando-os da opressão dos povos visinhos. De vez em quando iam chorar junto dos monumentos da sua crença, e pedir a Jeová—a Deus—que lhes aliviasse o sofrimento e lhes enviasse o Desejado das Nações.

Naquele tempo appareceu um édito de Cesar Augusto, imperador romano e que então mandava nos judeus, para que se fizesse o recenseamento de todos os habitantes do mundo. Cada um iria inscrever-se na cidade donde era oriundo. Por isso é que José, da casa e familia de David, partiu da cidade de Nazaré, na Galilea, para Belém, cidade de David, na Judéa, para se fazer inscrever com Maria, sua esposa. Ali deu ella á luz seu Filho, e deitou-o num presépio, visto que não havia lugar nas hospedarias.

Passaram de noite por ali pastores que nas visinhanças guardavam os seus rebanhos. Apareceram-lhes de súbito o Anjo do Senhor e rodeou-os uma luz divina que os encheu de grande receio. Mas o Anjo animou-os e disse-lhes que lhes levava uma noticia, que seria para todo o povo motivo de grande jubilo. E' que na cidade de David nascera o Salvador, que era Cristo. O Senhor disse-lhes como o poderiam reconhecer. Encontrariam uma criança envolta em faixas e deitada num presépio.

Apareceram então muitos Anjos e todos cantaram: «Glória a Deus nas alturas dos ceus. E paz na terra aos homens de boa vontade».

Os Anjos subiram aos ceus, e os pastores foram procurar o Me-

nino. Verificaram que era verdade o que lhes tinha sido dito.

Voltaram glorificando e louvando a Deus.

Até aqui uma narração muito singela, a traços largos, tirada da geografia e da Biblia. O momento em que Cristo appareceu não podia ser mais oportuno. Nem outra coisa era de esperar dos designios eternos, que haviam de realizar-se pelo tempo além.

O mundo, debaixo da autoridade dos Césares, gosava então duma completa unidade de direcção politica, de lingua e de administração. E se toda a semente precisa do seu meio para germinar e produzir, a semente trazida lá do ceu, o Evangelho, a boa nova chegou a tempo.

Do caos do mundo antigo tinha de sair um mundo novo, mais perfeito, mais civilizado.

A revolução social então produzida nunca teve comparação possível com todas aquellas de que o mundo tem sido teatro. Era a revolução nos corações e por isso nos espiritos. Não se vertia sangue, mas lagrimas de alegria pelo triunfo da causa santa há muito esperado.

A humanidade gemia debaixo dum pesado jugo, que não podia sacudir, a não ser que uma força vinda do ceu a ajudasse, como estava prometido desde as primeiras gerações, e tinha sido anunciado pelos profetas.

Naquella humildade do presépio nasceu o melhor filosofo e o melhor moralista que o mundo alguma vez conheceu.

Considere-o só assim quem fôr descrente, mas não lhe negue o mérito. Qualquer espirito ilustrado e desapassionado, tanto quanto é possível aos mortais, curva-se reverente—permita-se a expressão—perante o maior vulto até hoje conhecido—o Redemptor da humanidade. Quem reconstituir na sua mente aquele quadro tam bello do Nascimento de Cristo, com os factos que o precederam e com os que se lhe seguiram, sentirá uma admiração profunda, brotando do fundo da alma, como uma fonte da mais pura água.

E agora que o mais grosseiro paganismo tem tantos adeptos, se Cristo voltasse correria os vendilhões do templo e iria mesmo fora do templo apresentar a humildade do seu Nascimento para exemplo de muitos.

Agora, como antes de Cristo, esquecido o sentimento da solidariedade humana, ou completamente ignorado, os ricos, em especial os novos-ricos, afrontam a pobreza dos humildes com um luxo extraordinario, só comparavel ao dos velhos potentados orientais. Passam velozes pelas multidões famintas e olham com um supremo desdém. E' que não lhes deye ser muito agradável verem os infelizes, anémicos por falta de alimento, e sem camisa, porque os novos Sardanápalos nem ao menos lhes deixaram esta pequena peça de vestuário.

E assim apresenta muita gente um aspecto miserando, mas que não consegue comover aquelles que eram até capazes de sugar o sangue das suas vitimas, se del tirassem lucro.

¿Onde estão esses tam apregoados sentimentos da fraternidade, capazes de tornarem os homens irmãos?

Desapareceram desde que deixaram de ser observadas as máximas salutarés do Evangelho que Cristo trouxe ao mundo e legou aos crentes.

Se Cristo voltasse, talvez nem se embrulhasse se não em faixas ainda mais humildes do que aquelles que o cingiram, se humildade maior podesse haver, para deixar tudo á riqueza sórdida.

Mas não volta!

X.

NATAL DE 1919

Rosas que desfolhel quando creança
conserval vos assim desfolhadas;
ainda que não eris nova esp'rança
morreret com as velhas conservadas!

Mas enquanto houver luz no firmamento,
e o mesmo fôr tam vago e tam distante,
ha-de sentir-se em todo o pensamento
uma esperança mistica, cantante!

Hão-de acabar os seculos! Só então,
révolvidos no mesmo torbellhão
o Sol e o Luar, corpos, gelo e luz,

Findará para toda a humanidade
a Noção... e veremos, na verdade,
a Vir, um Berço; a tremor, uma Cruz!

R. ESTEVES.

Natal saudável...

QUANTAS vezes eu recordo ainda hoje com imensa saudade a noite de Natal, nesses tempos felizes de criança! Com que crescente e dominadora alegria o via aproximar-se, contando-lhe desde longe os dias de antecedença que pareciam correr vagarosos e interminaveis, até que enfim o grande dia chegava, e, apesar de quasi sempre envolto em densas nuvens pardacentas, era como se o ceu se abrisse deixando faiscar um rutilante sol... Mal a noite caia acendia-se a sala de jantar, que apparecia festivamente decorada, todos floridos os altos solitários, como sorrisos amigos e affectuosos. Fechavam-se as portas apenas toda a familia estava presente, como para que ninguém ousasse perturbar aquella intima e sagrada festa. Depois principiava a ceia, e entre a sala de jantar e a cosinha estabelecia-se uma lufa-lufa, que só terminava quando se estava lautamente saciado. As grandes travessas de doce fechavam aquella opipar refeição — a mais alegre e comunicativa entre todas. Entretanto a chuva batia nas janelas e ao calor do fogão, onde crepitava um fogo vivo, entretinha-se o resto da noite a jogar: «Vamos ao loto a pinhões!» clamavam todos.

Agora quando volta o Natal e á mesa dos meus retomo o meu antigo logar, não sei que vaga tristeza e indefinida saudade se apodera de mim, como se ele não fôra o mesmo ou eu me houvesse transfigurado. Percorro, em rápido relance, a vista pelos outros e fico como que suspenso á espera que alguém, que ainda não veio, chegue... Debalde espero ansiosamente, debalde! Alguem, membro querido no seio da familia, a cujo affecto paternal se abrigavam os mais, faltou a primeira vez na noite da consoada e daí por diante, nunca mais voltou. Páira nos olhares de todos uma velada concentração e uma inquieta expectativa, que afinal se desfaz num assômo de sentidas lagrimas. Debalde se espera ansiosamente, debalde!

Assim em nossos corações nesta comovedora festa do Natal se entreatre uma esperança ou aviva uma saudade — esperança para aquelles que ainda não viram tombar, como árvores protectoras, os nossos melhores amigos; saudade para esses outros que já trazem o luto na alma. Neste caso estou eu e por isso sinto nesta noite a alegria doutroa desabrochar-me nos lábios num pallido sorriso de alanceada melancolia...

JERONIMO DE ALMEIDA

Calçado de agasalho

Calçado de agasalho (bom fabrico) para homem, senhora e creança, na CASA MARTINS.

...Sr. Director do «Gil Vicente»:

RECEBI a carta de V... onde pede o meu desvalioso curso, para o numero especial do Gil Vicente, commemorativo da festa do Natal.

Honra-me a gentil lembrança do meu obscuro nome, mas... a sua carta, veio n'uma pessima occasião, para eu ter tempo de pensar duas coisas com geito!

Só lhe sei dizer, que me encantou sempre o Natal, e a elle estão ligadas queridas recordações, até mesmo grandes saudades, da minha vida.

Uma d'essas recordações, embora dolorosa, é do Natal de 1914, o primeiro Natal que passei em Guimarães.

Na vespera á noite, o Café da Porta da Villa, regorgitava de fregueses alegres e sorridentes.

Iam para a consoada, que eu mal conhecia por tradição.

Apertavam as horas e todos começaram a debandar a pouco e pouco, em procura do lar domestico.

Fiquei só com o Antonio, que me pediu para sahir, porque queria fechar as portas para ir consoar com a familia!

Fui para casa e no meu quarto — não se ria V... — chorei, por estar longe da minha familia e só.

A mulher, pode chorar diante de toda a gente, porque é linda a mulher que chora; o homem pode chorar, mas não deve dizer nunca a ninguém, que chorou.

E se agora tive este desabafo pueril, foi só para significar a V... que desde então mais me encanta o Natal, essa primeira estrophe do grandioso poema christão, que começou com o primeiro sorriso de Jesus no Presépio e terminou com a sua ultima lagrima no Calvario.

A noite de Natal, ah! no norte, é a noite de familia com as suas tradições, a sua crença em Deus, na honra, no amor, na Patria.

Aqui, no sul, o septicismo brutal requemou tudo e rarissimas são as familias, que fazem reviver o quadro poetico e suave, do Natal d'outras eras.

Affectuosamente grato

Torres Novas, 20-XII-1919.

P. MAYA SANTOS.

NOITE DE NATAL

Noite angusta de Natal,
Ventura da raça hebreia,
Consagração da Judela
— Deus-Homem, Deus-Mortal!
Compaixão de Jeová,
Redentor que á terra vem,
Flor da estirpe de Judá
Desabrochada em Belém!
Natal de goso profundo
Natal de paz e de amor;
Natal que alegraste o mundo
E nos deste um Redentor.

MENDES SIMÕES.

Jesus

Numa serena tarde memoranda,
A sua boca de magnadas llobas
Disse esta frase comovente e branda
«Deixae-as vir a mim as creancinhas...»

E nunca se apagou a vibração
Daquelle doce e carcioso apelo,
Chega o Natal e as creancinhas vão
Maravilhadas, a beijá-lo e vê-lo.

E o bom Jesus, cuja tristeza ingente
Lhe ensombra no Calvario o rosto fino,
Para atral-las mais suavemente,
Desce da Cruz e torna-se menino...

AUGUSTO GIL.

O MUZEU

I

Como o Museu de Arte Religiosa da nossa querida terra não é trabalho para realizar de pé para a mão, vamos reunir aqui, em mais do que um artigo, uma serie de elementos que consideramos uteis para a recolta de objectos de arte que é urgente iniciar nas igrejas paroquiaes do concelho de Guimarães, a fim de tornar quanto possível completo o nucleo artistico que constituirá o nosso querido Museu.

E' possível que a politica de regedoria que é de uzo fazer-se no concelho de Guimarães impossibilite alguém, ou todos aqueles que têm, pelas palavras e obras do seu passado, grandes compromissos no que respeita ao seu zelo pela defeza da obra d'Arte, a tomarem em nenhuma conta os sentimentos patrióticos e a feliz teimosia de quem, em politica e para os politicos, nada vale porque nada quiz valer... Isso, porém, pouco importa. A mesma coragem que nos levou a manter e a ganhar a campanha contra a demolição da capela de Santa Luzia; a mesma coragem que nos levou a travar e a ganhar a campanha daqueles que se opunham a que os dois calices da freguesia da Costa entrassem no Museu, campanha que aliaz vencemos; a mesma coragem que nos levou a combater e a vencer que a capela de S. Roque, da Colegiada, fosse transformada em sala de festins de um meglomano sem sensibilidade, essa mesma coragem está aqui, e falará serenamente, enquanto fôr justo, ou com revolta e persistencia quando já não seja possível atravessar o campo com outras armas...

a) A cruz de Tagilde

Dos inventarios realizados no concelho de Guimarães em 1912, consta, pelo documento relativo á freguesia de Tagilde, que se encontra ali, dentro de uma vitrine, uma cruz gothica, presumivelmente do seculo XIV, de grande valor artistico.

Este objecto, segundo a nossa opinião, deve ingressar immediatamente no tesouro da Colegiada, que é a base do nosso futuro Museu de Arte Religiosa. E deve ingressar pelas seguintes razões:

- 1.ª — Porque é um documento de alto valor artistico;
- 2.ª — Porque a sacristia da igreja paroquial de Tagilde, onde está, não oferece confiança, visto que é uma parte de edificio facilmente escalavel, e assim a esplendida cruz gothica pode desaparecer de um momento para o outro — o que não era caso virgem;...
- 3.ª — Porque estando esta cruz indicada no respectivo arrolamento de bens sob o n.º 8, os trez numeros anteriores (5, 6 e 7) mencionam cada um uma outra cruz, provando-se deste modo que a cruz gothica não é necessaria ao culto.

Creemos, pois, estar sufficientemente justificado o ingresso da Cruz chamada «de S. Gonçalo» no tesouro da Colegiada.

b) Caliz de Serzedelo

No inventario da freguesia de Serzedelo, realizado a 20 de Abril de 1912, vem indicado na verba n.º 33, o seguinte:

«Um caliz com pé de latão (aliaz cobre) e copa de prata, com patena e colher.»

Heis outro esplendido objecto, este romanico, quer dizer de uma categoria artistica de que só temos um outro documento: o caliz de D. Dulce, que nós, atravez duras pelejas, fizemos entrar no Museu.

Pergunta-se: este caliz é necessario ao culto?
Não é.

No mesmo inventario vem indicado, sob o n.º 32, o seguinte: «Um caliz de prata com patena e colher do mesmo metal.» Ha portanto um outro caliz para o culto, o que suficientemente justifica a entrada no tesouro da Colegiada do caliz romanico.

Vae com vista a quem tem obrigação de proceder. E até breve.

Alfredo Guimarães.

FALAMOS COM DESASSOMBRO

Em Guimarães abundam os homens que prometem, e faltam os que alguma coisa fazem.

Aqui ninguem se interessa pelos melhoramentos que possam beneficiar o publico, e o resultado é esse que para ai se vê: a cidade continua sendo um burgo edificadinho em volta da velha Catedral da Oliveira, á semelhança das vilas da meia idade. Não temos uma casa onde possam juntar-se todas as repartições publicas, não temos uma cadeia que possa ver-se, não temos nada. Temos unicamente uma cidade velha, a cair de podre, como se vivessemos ainda no tempo em que não havia camaras municipais e a principal occupação de todo o bom portuguez era dar caça ao mouro.

As vereações republicanas nada teem feito. Acabaram com aquele cemiterio que enchia por completo o Toural, trouxeram para ali a estatua do rei conquistador, e por aqui se ficaram. De resto fizeram politica reles, politica de interesses pessoais e nada mais. Que deve a nossa cidade ao regime que para ai vegeta? Que melhoramentos nos deu? Temos nós a tracção electrica como Braga? Temos um bairro operario? Temos avenidas? Não temos coisa nenhuma. Em compensação temos politicos de barriga, petulantes que nada valem e tudo querem.

Não somos nós, que aqui escrevemos, nenhuns parvos para não vermos estas coisas. Sabemos muito bem o que todos teem feito, e como somos novos não estamos dispostos a fazer corno com alguns cegos que para ai vivem.

Não nascemos para bajular algum. Havemos de fazer justiça a quem a merecer. As boas intenções ham de ter em nós uns defensores a valer; que tambem havemos de ser intransigentes e desassombrados para com aqueles que se queriam elevar á custa do esforço alheio em proveito proprio. Estamos fartos de promessas. Estamos cheios de nojo, porque vemos que alguém que nada vale, é quem dá ordens neste burgo, onde ha unicamente politicos.

Vivemos uma epoca adiantada da civilisação, e constatamos com magua que os processos seguidos e usados no meio de nós, sam precisamente os que usaram nossos avós naquella epoca romantica de 20. Ora os vintistas passaram. Não servem para modelos. Quem manda deve impor-se ao nosso respeito, com actos que interessem á colectividade. Precisamos de casa para correio, precisamos de casa para as repartições publicas, precisamos duma cadeia, que não seja a jaula que para ai está, precisamos enfim de tudo isto e preciso é que as entidades officiais que aqui dominam, se interessem a valer.

O senhor Lucio e outros senhores deputados não foram ao parlamento para estarem calados. Quem os elegeu tem obrigação rigorosa de lhes dizer o que nos faz falta.

Deixem-se de politica de corrilhos, senhores de Guimarães, ponham de parte os compadres, e olhem pelo publico. Pouco vale e para nada serve andar a fazer bem

a este ou áquele para que dê os votinhos no tempo proprio, quando se esquece o grande publico que somos nós.

O «Gil Vicente» vai entrar numa fase de combate.

REPAROS...

Ruins instintos

Diz-se e conta-se para ai que uns cavalheiros, sem serem de industria, censuraram os crentes que no dia 14 do corrente foram a S. Francisco resar pela alma daquêle que morreu ás mãos dum sicario da demagogia.

Procederam mal, porque se a critica é livre tambem é certo que ela se não pode estender ás coisas que são indiscutíveis. Os crentes que foram á missa, usaram dum direito de que não abdicam, não obstante as censuras de cavalheiros como estes de que vimos falando. Nós vimos-los, á porta dum café, com ares provocadores; não lhes ligamos importância, porque lhes damos a que elles merecem. Fomos á missa, e iremos a tôdas que se celebrem por alma de Sidónio Pais, porque vimos nêle um bom e um domador da canalha da rua. Não temos medo aos vivos de patifes, porque já há muito nos convencemos de que o atrevimento dêles cresce na razão directa do nosso acanhamento.

No dia em que todos os homens de bem se compenetrarem a valer de que a canalha precisa de correctivo, todas as vezes que prevaricar, a canalha deixará de incomodar-nos.

A missa não teve nada de politica. E se o tivesse, ninguem tinha nada com isso. Todos teemos o poder de fazer aquilo que não briga com os direitos de ninguem. E a missa não ofendeu os liberatis. Viram, na ida á missa, tambem um protesto contra a horda demagógica? Está bem. Foi um protesto sem dúbida.

Vomitos

Houve lá por Lisboa um brasileiro asqueroso — «garoto de barbas brancas» — que ha dias vomitou alguns repelentes insultos sobre a memoria sacrosanta e augusta do inexecuvel e saudosissimo Presidente da Republica, sr. dr. Sidonio Paes.

Bernardino se chama o titer... não lhe perdes o pathoço ignobil, o polichinelo miseravel, o fantoche grotesco, a corrida mestra que levou a quando do 5 de Dezembro, e que o forçou a sair do poleiro, onde estava indevidamente, mercê da vontade dum partido desacreditado...

E não se lembrando que em um morto não se cospe, e que um morto é sempre sagrado, toca de atirar, sobre a memoria honrada do Grande Patriota, um vomito, como só aquele brasileiro trocatis sabe vomitar!

Vampiro! Refinado tratante! Trampolheiro emerito! Um dia os amigos do saudoso Presidente saberão escorraçar-te daqui para fóra a pontapé, escarrando-te na bigodeira o seu desprezo e a sua indignação! E esse dia não virá longe!

Arréda! Para traz! estrangeiro hypocrita! Para traz! velho nojentto! Aquêle que insultas está lá muito acima! Não chega lá o pus da tua boca estercoraria, a lama da tua alma torpe!

Vae para a tua terra natal, lá para o Brasil, velho mentecapto! E deixa em paz, no inviolavel repouso da Sua sepultura, quem foi um patriota e um bom... quem teve, como ultima e sentida homenagem, as lagrimas, as benções, a gratidão dum povo inteiro!

Fartante!

Vida Literaria

ALMAS DE DESGRAÇA

A pobre louca...

(a J. Souza Pinto — o poeta apaixonado de «A Pobresinha», no seu livro de versos «O meu coração»)

«— Aquella velha... aquella velha...»
E Maria, cingindo mais ao meu o seu corpo franzino, passára a contar-me, entre a dôr e o medo, em voz tremente, a história — glacial e triste — dessa pobre louca — a Ana-Velha... — que, agora, pelo horrendo das suas feições, trazia apavoradas tôdas as crianças, e aos olhares da qual se esquivavam os namorados — se ella passava —; pois que, segundo a superstição da gente do lugar — eram de mau presagio para os amantes venturosos...

«Fôra feliz a Ana-Velha... Na sua já tam distante mocidade, tudo lhe sorria. Quando, nova ainda, se casára com o Bento-moleiro, os sinos da sua aldeia todo o dia repicaram festivamente. E, já de noite, pelas quebradas dos montes vizinhos, contam que o tangêr alegre das violas fazia lembrar que a aldeia ainda estava em festa, pelo seu casamento...

«A partir de então, Ana trocára os seus corpulentos e famosos bois pelo burrinho branco que á cidade conduzia as talegadas da farinha: era moleira...

«Decorreram, assim, venturosos os dias, as semanas, os meses... E a coroar tanto amor cheio de felicidade e de paz, Ana tivera um filho, um louro, um rosado filho...

(Há, aqui, um grande lapso de tempo: o que dista da razão feliz á loucura desgraçada de Ana.)

«Bento, após muitos anos de vida trabalhosa, apparecera, uma manhã, morto no seu velho moinho, — deixando, na desolação da viuêza, aquella que fóra o sóinho doirado da sua existência heróica...

«Restava-lhe, ainda, uma esperança — o filho! — para a consolar nos seus momentos dolorosos e arrastados duma vida que ella passaria a chorar e a sofrer... Mas José — depois de longos anos ajudar os pais — contando uns 38 anos de idade, fóra de novo chamado ás fileiras, após a declaração de guerra, partindo para a incerteza fatalista das batalhas... — donde não mais voltára...

«Ante a revelação, estupenda e cruel, do fatal Destino, Ana enlouquecera... E, agora, nas noites sem lua, a pobre louca, cognominada de Ana-Velha, sai para a lama dos caminhos, a continuar a sua peregrinação de Desgraça, chorando e rindo, num riso diabólico, que faz lembrar as almas penadas errando na escuridão profunda da noite eterna...

Maria, fitando muito em mim os seus olhos meigos e inocentes, repetia: «— Aquella velha... aquella velha...»

...E fugira-me para que eu a não visse chorar... — deixando no meu coração a dúbida amarga num Futuro cruel...

Guimarães — 1919.

A. FERREIRA DE MACEDO.

Portugal Pobresinho

Portugal é pobresinho, Muitos annos não atura. A pobreza envergonhada Cava, cêdo a sepultura.

Pobresinho e tão edoso... Ali não ha que esperar; Quando tal ouve-se o sino, Vai Portugal a enterrar.

Se Elle morrer, quero ir A pegar ao seu caixão, Quero depois sepultá-lo Dentro do meu coração.

Bandeira das Cinco Chagas, Oh! que formosa mortalha, Bordada a rendas de altar, Doirada a soes de batalha!

Tanto faz que seja branca, Branquinha, de ponta a ponta, Azul e branca, ou ainda Verde rubra, tanto monta.

O azul a pouco e pouco, Ficou todo verde-mar; E' agua de nossos olhos, Que não cessam de chorar.

O branco tinto de sangue... Ail que tempos desgraçados! São as Chagas de Jesus A lavar nossos pecados.

Portugal é pobresinho, S. Francisco, tal e qual; Mas tem as chagas de Christo, Que riqueza, Portugall...

NEL.



O Matrimonio

Minha joia:

Esta carta é bem um grito pungente de saudade... E sabe a razão? Porque me deu ha dias a noticia do seu proximo casamento com um official do exercito.

Isto fez-me pensar um pouco no Passado, e avidei-me recordações de dias felizes que eu quizera voltassem de novo, mas que, desgraçadamente, não tornarão a vir.

Vae casar-se... (não será troça?), vae perder para sempre a liberdade, e acorrentar-se aos grilhões pesados e duros d'un enlace, prender-se ao despotismo, á tyrania, á vontade soberana d'un homem...

Vae fugir-me a amiga da infancia... vae desapparecer a traçesa, a irrequieta d'outr'ora, para surgir, em breve, a senhora Dona Fulana, virtuosa esposa do sr. Beltrano...

Voce comprehende que isto me é custoso, e que nunca, nunca poderei felicitá-la.

Casar-se Você! Casar-se quem toda a vida troçou, gargalhou do casamento! Casar-se quem, pelo feitiço especial do seu génio, pela independencia insubmissa do seu caracter, pela maneira achincalhante como tratava o amor, as paixões, toda essa suprema loucura dos sentidos, era a propria antithese do matrimonio!

Estou espantado, minha boa amiga! E esta minha admirração tortura-me, persegue-me tanto, que a todos os instantes eu pergunto ao coração e ao cerebro, a razão por que se pensa em casar, se era rica, livre e feliz...

Para ter um homem? Ridicula vaidade... Para ter occasião de ver uma creanga loira como Você, chamar-lhe mamã, com alvoroço e com alegria? Fracos gostos... Para fascinar os seus olhos preterrosos com o brilhantismo dos galões da farda, com a rutilancia estonteante da espada? Seria pouco... não valeria a pena.

Ades, garôta! Era bem melhor que não nos tivessemos conhecido no mundo... para não lastimarmos agora o fim d'uma intimidade que era o nosso orgulho, mas que não pôde nem deus continuar.

Podrá aceitar ainda um abraço do amigo d'outr'ora?

Accêite-o... será o ultimo... e se não poderá levar-lhe o meu applauso pelo acto que vae praticar, levar-lhe-ha ao menos a minha piedade pelo seu suicidio...

Não a odeio, não me zango sequer... lamento-a, e choro a amiga que desapparece.

Mando-lhe o meu cartão de sentimentos...

BUY DE LANCASTRE.

Anniversarios

Durante esta semana fazem annos as Ex.ªs Snrs.ªs:

- Dia 23—D. Adelaide Vasco Leão.
- » »—D. Maria José Caldas Mello Saraiva.
- » »—D. Maria da Conceição Cardoso de Menezes (Margarida).
- » 25—D. Joaquina de Vasconcellos Fernandes.

E os Snrs.:

- Dia 23—Dr. Luiz Ribeiro Martins da Costa (Aldão).
- » »—Abilio Severiano de Magalhães Brandão.
- » 25—Manoel Bernardo Alves.
- » 26—Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão).
- » 28—Anibal Vasco Leão.

—Parabens.

Partidas e Chegadas

Partiu para o Porto, onde fixou residencia temporariamente, o nosso presado amigo e ex-alferes de Inf. 8, Sr. José Joaquim Gomes da Silva Couto.

A gosô de ferias encontram-se nesta cidade, os nossos queridos amigos, Snrs. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, João Fernandes de Freitas, Eutherio Martins Fernandes e Francisco Pereira Mendes, alumnos da Universidade do Porto.

Está entre nós, o nosso presado amigo, Sr. Manoel Guise.

Encontram-se entre nós, a passar as festas do Natal, os nossos dedicados amigos, snrs. Carlos Aguiar d'Oliveira, Eduardo Machado e Serafim Pacheco de Magalhães, empregados commerciaes na cidade do Porto.

Igualmente se encontram entre nós, a passar as festas do Natal os nossos amigos Snrs. Mario Pinheiro, que está cursando a E. C. S. de Mafra, e José da Silva Lemos, 1.º sargento reformado de

Inf. 20 e activo empregado do escriptorio da Companhia Portugueza dos Fósforos.

A passar as festas de Natal com sua Ex.ª familia, partiu hontem para Penafiel, o nosso intimo amigo e conceituado negociante desta praça, Sr. Ernesto de Vasconcellos.

Doenças

Entrou em franca convalescença o nosso presadissimo amigo e considerado negociante desta praça, Sr. Antonio Joaquim Gonçalves.

Estimamos e fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

Encontra-se em vias de restabelecimento o nosso intimo amigo, Sr. Joaquim Antunes de Castro.

Folgamos.

Guarda o leite bastante doente a Ex.ª Sr.ª D. Maria dos Reis Leite, dedicada filha do considerado industrial, Sr. Bento José Leite.

Apetecemos-lhe rapidas melhoras.

Guarda o leite um tanto doente o nosso querido amigo, Sr. Alberto Pimenta Machado, novel commerciante desta praça.

Fazemos votos pelas suas rapidas melhoras.



Por Guimarães

Dr. Raul Alves da Cunha

Foi promovido a Juiz e collocado na comarca de Meda, o distincto e zeloso funcionario, Sr. Dr. Raul Alves da Cunha.

Sua Ex.ª, que entre nós gosava de geraes sympathias, pelas suas bellissimas qualidades e por se ter mostrado um funcionario recto e cumpridor dos seus deveres, deixa nesta cidade innumeradas saudades.

Ao illustre magistrado, o «Gil Vicente» apresenta os seus respeitosos cumprimentos, fazendo ao mesmo tempo ardentes votos para que em breve volte ao seio dos seus amigos e de todos aquelles que o estimam com respeito e veneração.

Exame

Com a honrosa e distincta classificação de 17 valores, fez ultimamente acto de histologia o nosso querido amigo, Sr. João Fernandes de Freitas, intelligente alumno do 3.º anno da Universidade do Porto.

Os nossos sinceros parabens.

Juventude Catholica

A Direcção desta florescente collectividade, espera realizar para meados de Janeiro proximo, uma brilhante conferencia no Theatro D. Affonso Henriques, em que usará da palavra o distincto e intelligente orador, Sr. Dr. Alberto Pinheiro Torres, illustre causidico na cidade do Porto.

Opportunamente publicaremos o programma desta festa.

Por motivos imprevistos, o Grupo Scenico desta mesma collectividade, não pode realizar hoje o espectáculo annunciado, esperando fazel-o por todo o mez de Janeiro proximo.

AS ANEMICAS E CHOROTICAS com faltas de menstuação, tornam-se rosadas e saudáveis, tomando a AMENORRHEIA. Pedir instrucções gratuitas á «Sanitas» — T. do Carmo, 1 — Lisboa.

Behemerencia

O illustre Prôvedor da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, sr. dr. Adelino Jorge, mandou entregar como oferta sua, ao Asilo dos entreadados a cargo da mesma irmandade, 25 alqueires de milho.

Tambem o abastado proprietario e considerado vimaranense, sr. Francisco Ribeiro Martins da Costa (Aldão), secretario da mesma irmandade, mandou entregar ao mesmo asilo como oferta sua, uma pipa de vinho verde, 25 alqueires de centeio e vendeu-lhe 40 alqueires de milho ao preço de 12000 reis cada alqueire.

Igualmente a ex.^{ma} sr.^a D. Adelaide Ribeiro Martins da Costa, oferecer ao mesmo asilo meia pipa de vinho verde.

Actos desta natureza dignificam quem os pratica.

Contra a chuva

Galochas de borracha, para homem, senhora e creança, e Guarda-chuvas, na Casa Martins.

Consortios

Na parochial igreja de N. Senhora da Oliveira, realizou-se ha dias o enlace matrimonial do nosso intimo e querido amigo, Sr. Alberto de Freitas Pimenta Machado, herdeiro negociante desta praça, com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Mendes Fernandes, prenda-da filha do nosso prezado amigo, Sr. José Martinho Fernandes.

Paronympharam por parte da noiva seus paes e por parte do noivo a Ex.^{ma} Sr.^a D. Filomena Cosme e Carlos Aguiar d'Oliveira. No final da cerimonia religiosa, foi servido um luto almoço em casa dos paes da noiva.

Na corbeille viam-se lindas e valiosas prendas, que por falta de espaço deixamos de enumerar.

Aos recém-casados, bem dignos d'um futuro feliz, pelas suas primorosas qualidades d'alma e coração, enviamos sinceros parabens desejando-lhes uma auspiciosa e perenne lua de mel.

Consoceiu-se tambem na risonha villa de Fafe, o nosso estimado amigo, Sr. Bernardino Alves Martins, negociante n'aquella praça, com a Sr.^a D. Arminda da Fonseca Rocha, d'aquella villa.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

<A Economica Vimaranense>

Procedendo-se a eleição dos corpos gerentes da Sociedade Cooperativa «A Economica Vimaranense», para o proximo anno, deu a mesma o seguinte resultado:

Assemblea Geral — Presidente, José Jacintho Junior; Vice-Presidente, João Carlos de Carvalho; 1.^o Secretario, José Maria Baptista Ribeiro; 2.^o dito, José Ladeira Guimarães.

Conselho Fiscal — Presidente, Manoel A. R. de Miranda; secretario, José Mendes d'Oliveira; relator, Alfredo d'Araujo Leão Martins; substitutos, João d'Almeida Braga e Camillo Laranjeiro dos Reis.

Direcção — Presidente, João de Faria e Souza Abreu; vogaes effectivos, Joaquim Penafort Lisboa e Carlos Alberto Machado; substitutos, Francisco Faria, Antonio Pereira da Silva e José de Castro Guimarães.

Fotografia

Aluga-se a fotografia Carvalho



Defendo a minha pele com o Sabonete Taipas. Estou no meu direito.

Sidonio Paes

Missa

Apesar do tempo chuvoso, esteve bastante concorrida a missa que um grupo de vimaranenses mandou celebrar no templo da O. T. de S. Francisco, sufragando a alma do malogrado Presidente da Republica, Dr. Sidonio Paes.

Ao religioso acto assistiram alem de muitos cavalheiros de representação, no nosso meio, bastantes senhoras.

Ernesto de Vasconcellos

Este nosso prezado amigo e emprehendedor de largos negocios acaba de chegar de Lisboa, onde foi fechar contrato para a representação de quatro reputadissimas marcas de automoveis.

Fez a viagem por terra n'um magnifico automovel «Chevrolet» que realizou o raid de resistencia de Paris a Lisboa e dessa capital a esta cidade.

Estes carros que são uma maravilha de perfeição e resistencia, completos com os mais aperfeiçoados melhoramentos e requizitos de comodidade, vende-os este nosso amigo a menos de quatro contos.

Sabemos que este arrojado commerciante vai beneficiar esta cidade com uma bem montada officina de reparações e um rico «Stand» para a venda de automoveis e seus accessorios.

Felicitamo-lo pela sua iniciativa que muito vem beneficiar a nossa terra.

Até que enfim!

A Comissão Executiva da Camara Municipal, numa das suas ultimas sessões, por proposta do vereador, Sr. A. L. de Carvalho, tomou as seguintes e acertadas resoluções:

«Que a Camara convide os srs. João Fernandes de Mello, Simão Ribeiro e José Maria Leite a colaborar com esta Comissão Executiva n'uma obra que de um modo especial interessa aos mesmos e se traduz n'um beneficio que a hygiene publica e a esthetica da cidade urgentemente recommenda. Esta obra é da natureza seguinte:

Que o primeiro d'estes municipios faça desaparecer aquella vergonha de ruinas junto ao templo da Oliveira; Que o segundo faça convergir a sua attenção para os casebres que na rua de Donões, trazeiras, lado nascente, estão em ruinas, com manifesto perigo de quem n'elles habita; Que o terceiro faça abater aquelle pardiêro de S. Damaso, que a imprensa local tão justa e insistentemente tem reclamado a demolição.

Promovida esta diligencia de tacito acordo e boa paz, e demonstrada porventura a sua inandade, que então, esta C. E., nos termos do artigo 94.^o n.^o 14, do Código Administrativo, se habilite com os poderes sufficientes para a applicação integral da lei de 26 de Junho de 1912 relativa a expropriações por utilidade publica. Estas propostas foram aprovadas por unanimidade.»

Muito bem. Fartos de berrar contra essas obras de Santa Engracia e esse pardiêro da rua de S. Damaso, sem resultado algum, tinhamos perdido já todas as esperanças de vermos realizados os nossos desejos e por certo os d'uma cidade inteira que se envergonhava aos olhos dos seus visitantes.

Finalmente appareceu á frente do municipio alguem que, achando justas as constantes reclamações da imprensa, tomou a serio a questão, propondo se ir até a expropriação por utilidade publica, no caso de os seus proprietarios não mandarem proceder ás obras necessarias.

Faça-se, pois, justiça a quem de direito a merece.

E, a proposito, lembramos se não seria tambem um beneficio para a esthetica da cidade, a reparação d'aquelle bem nojento predio da rua 31 de Janeiro, onde está uma tableta que diz: «Telho Novo».

Parabens

No amigo Sr. Alberto Pimenta Machado, pelo seu enlace matrimonial, enviam sinceros parabens

A. Ferreira & Irmão.

Santa Luzia

Estiveram bastante concorridas as festividades realizadas em honra das milagrosas imagens de Santa Luzia, que se veneram na igreja de S. Damaso e na capellinha sita á rua Francisco Agra.

O arraial effectuado junto desta capellinha esteve este anno muito animado.

Os interçados da Officina de S. José, faziam a guarda d'honra á miraculosa imagem, revertendo o producto das esmolas a favor desta sympathica instituição de caridade.

O rendimento das mesmas foi o seguinte: em dinheiro, reis 2790000; em milho, 12 razas; em cera, 2 kilos; em ouro, um par de brincos, perfazendo tudo um total de 300 e tantos mil reis.

Operação

No Hospital da Santa Casa da Misericordia, sujeitou-se no sabado passado a uma melindrosa operação, o Sr. José Pinto Teixeira de Abreu, considerado negociante desta praça.

Operaram os distinctos clinicos, Srs. Drs. Joaquim José de Meica e Pedro Guimarães, auxiliados pelos seus habeis collegas, Srs. Drs. Fernando Gilberto Pereira e Alfredo Peixoto.

O operado encontra-se bem. Fazemos votos pelo-seu prompto restabelecimento.

Companhia de Seguros Atlantica

Guimarães, 25 de Novembro de 1919.

Ill.^{mos} Srs. Directores da Companhia de Seguros ATLANTICA

Porto.

Pela presente, venho agradecer a V. Ex.^a a forma como me indemnizaram dos prejuizos causados pelo incendio no dia 1 de Dezembro, nos haveres seguros nessa Companhia, pela apolice n.^o 28:717, no valor de Esc. 350000 (trescentos e cincoenta escudos).

Podendo V.^a Ex.^a fazerem desta o uso que quizerem, assim de desfazer essa infame propaganda que pessoas sem criterio propalam sobre a Companhia.

Sem mais, sou com toda a estima e consideração

De V. Ex.^a

Mtt.^o Att.^o Ven.^o e Obgd.^o

Por Serafim Ribeiro, por não saber escrever,

(a) José Joaquim Lopes.

Aviso

A Associação de Classe dos Operarios da Industria Textil de Guimarães, em assembleia geral realizada em 30 de Novembro p. passado, resolveu fazer ciente a todos os operarios da sua classe de ambos os sexos, de que deverão ser fornecidas por esta associação, cadernetas para a fiscalização do horario de trabalho; por isso previne todos os operarios da indústria textil de que a partir de 1 de Janeiro de 1920 em diante, todo aquê le que seja encontrado sem a referida caderneta estará sujeito ás penalidades prescritas no Art.^o n.^o 38 do regulamento do decreto n.^o 5516, que são 050 centavos de multa.

A Direcção.

Aluga-se

Quarto mobilado para cavalheiro serio.

Falar na Rua D. João, 1.^o, n.^o 198.



DIGA BEM DO Sabonete Taipas QUE DIZ UMA GRANDE VERDADE

Assembleia Geral da Juventude Catholica de Guimarães

São convidados os socios d'esta collectividade a reunirem hoje, 25, na sede respectiva, ás 2 horas da tarde, para se proceder á eleição dos corpos gerentes.

Se não comparecer numero legal de socios, ficará a reunião adiada para o dia 28 do mesmo mez, ás 2 horas da tarde, funcionando então com qualquer numero de socios.

Guimarães, 18 de dezembro de 1919.

O 1.^o Secretario da Assembleia Geral,

Eduardo Passos.



Teatro Afonso Henriques. Empreza Luiz do Souto. 5.^a Jorna, 25-Dezembro-1919. Sobredo film de actualidade ANOS — 4 actos. Protagonista D'elia Bichi.

AZ DE OUROS

4.^a JORNADA

AMANHÃ, 26

Az de Ouros

5.^a Jornada

A Voz de Alem Tumulo

O melhor remineralizador do organismo é a CALCINA TRIPLICE «ACTIV». As creanças tomam-a com prazer. por o seu gosto ser muito agradável. V. Ex.^a é fraco? Os seus pequenos tiveram uma detenção tardia? Não são sufficientemente fortes? — Pois dê-lhes a Calcina Triplice e verá, em alguns mezes, modificar-se o seu organismo. Os anemicos devem preferir a Calcina Triplice com Ferro organico.

Os lymphaticos e escrophulosos devem preferir a CALCINA TRIPLICE COM IODO ORGANICO.

Os que estiverem muito fracos, com tendencia para a tuberculose ou filhos de tuberculosos, devem preferir a CALCINA TRIPLICE COM ARRHENAL.

Pedir instrucções á «SANITAS», T. do Carmo, 1—Lisboa.

Gravatas e Chapeus

Sempre o melhor sortido, na CASA MARTINS.

AVA Guardasolaria R. da Republica GUIMARÃES



COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Campo da Feira — **GUIMARÃES**

Para educação de meninas

Este colégio, o mais antigo de Guimarães, está magnificamente instalado em prédio apropriado, amplo e higiénico.

Educação esmerada e alimentação abundante e bem cuidada.
Instrução primária, secundária e liceal.

Cursos de línguas, ensino doméstico, lavôres, música e arte aplicada.
Admite alunas internas, semi-internas e externas.

Anuidades módicas.

Pedir informações e programas à directora.

Obs.—O rendimento d'este colégio é aplicado na sustentação dum asilo de entrevados.

FABRICA DE CORTUMES

— DE —
João Paulo da Silva

DEPOSITO:

Rua da Ramada

RESIDENCIA:

Aven. Miguel Bombarda, 32-33

— GUIMARÃES —

Especialidade em artigos transmontanos, como: azeite, vinhos, presuntos, batatas, etc.,

Só no Patrioio

O excelente Pão de Ló de Margaride e os afamados vinhos de João Eduardo dos Santos,

Só no Patrioio

Mel pupo

SÓ NO PATRICIO

TOURAL

GUIMARÃES

SIMÃO RIBEIRO

— COM —

Couros cortidos, solas e cabedais

Rua Eças Moniz, 32 a 38 — GUIMARÃES

Quereis ter o mais fino gosto nas vossas toilettes de inverno?

Visitae a **“Casa Hespanhola,”**

de Leovigildo Ribera, ao Largo, Dr. Sidonio Paes, que lá encontrareis os mais finos gostos em fazendas de lã para vestidos, gabardine para casacos, panos veludos e veludos para guarnições, peles de agasalho e calçado e cobertores, chales sem conta tanto em seda como em lã, pelucia e algodão.

E preços? Barattissimos!

Tem tambem um colossal sortido de meias tanto em preto, como em côr, e tanto em messaline como em seda, por preços extremamente baratos.

Desnecessario será dizer que esta casa é a que melhor sortido apresenta em tudo quanto diz respeito a artigos de grande moda, taes como: Crepes da China, colletes de espartilho e uma infinidade de artigos que só á vista o comprador poderá fazer o seu juizo.

Uma visita, pois, á **«Casa Hespanhola».**

Francisco Martins Fernandes & C.^a

— COM —

ESTABELECIMENTO DE COUROS CORTIDOS

DIVERSAS MIUDEZAS

90, Rua Eças Moniz, 96 — (ANTIGA RUA NOVA DO COMMERCIO)

GUIMARÃES

Fabrica Manual de Cytelarias e Nickelagem

Joaquim Ribeiro Moura

Marca — 35 — Registrada

Pisca — GUIMARÃES

Paqueiros de diversas qualidades.
Cantelos, Podões, Facas para matto e para cosinha, Machetes, Punhaes, etc., etc.

Antiga Hospedaria

— DE —

José de Pinheiro

Travessa de Camões

GUIMARÃES

Bom serviço e preços economicos

Proprietario,

Manoel da Cunha.

Armazem de Merccearia

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

— DE —

Ovidio Varela d'Abreu Almolda

R. de Camões — GUIMARÃES

Neste acreditado estabelecimento encontram-se á venda todos os generos de 1.^a qualidade, taes como: bacalhau, arroz, azeite, bolachas, vinhos finos, etc. Uma visita, pois, á **CASA OVIDIO!**

AS HEMORRHOIDAS desaparecem por completo com a **ANTI-HEMORRHOIDINA.**

Pedir instruções gratuitas á **«Sanitas»** — T. do Carmo, 1 — Lisboa.

ARMAZEM DE SOLA E COUROS CURTIDOS

das principais e acreditadas fabricas

José Joaquim de Souza Felix

— RUA DA REPUBLICA —

GUIMARÃES

Padaria e Pastelaria AVENIDA

— DE —

Souza & Fernandes

Especialidade em bijous, bolachas, pasteis, vinhos finos e brancos

AVENIDA CANDIDO DOS REIS

GUIMARÃES

Casa Garantia Penhorista

Nesta casa, situada na rua do Gravador Molariinho, continuam a receber-se todos os objectos que offereçam garantia. Todas as transacções se fazem com a maior seriedade e segredo.

O proprietario,

Manoel Gomes dos Santos Oliveira.

Sapataria e officina de calçado

de todas as qualidades

— DE —

José Joaquim da Silva

RUA EGAS MONIZ, 10 a 16 (Antiga Rua Nova do Commercio)

GUIMARÃES

Domingos Alves Machado & Filho

ARMAZEM

— DE —

Ferro, aço, chapa, arcos e panellas de ferro, chumbo, carvão para ferreiros e mós inglezas.

Preços commodos

101, Rua 31 de Janeiro, 107. — **GUIMARÃES**

OURIVESARIA E RELOJOARIA

Justino José da Silva

Sucessor, Manuel Joaquim P. Carvalho

57, Rua da Republica, 61 — **GUIMARÃES**

Nesta Ourivesaria encontra-se á venda um variado sortido de objectos d'ouro e prata, o que há de mais chic e fino gosto.

Sempre novidades. Concoctam-se todos os objectos concernentes á arte, garantindo-se o seu bom acabamento. Compra ouro, prata e pedras preciosas.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Automoveis «Chevrolet»

Uma maravilha de perfeição e resistencia a menos de 4 CONTOS

VENDE

Ernesto de Vasconcelos

GUIMARÃES

REPRESENTANTE de mais as seguintes marcas de automoveis

ROAMER * STUTZ * FARMAN

CAMIONS White e Chevrolet

MOTOCICLETES Militar

PNEUS Hutchison e Firestone

PAPELARIA E TIPOGRAFIA INDUSTRIAL

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Francisco José de Freitas

Toural, 128—GUIMARÃES

Grande e variado sortido em bilhetes postaes, artigos de escriptorio e objectos para brinde, etc. Execução de todos os trabalhos tipograficos.

Fabrica de Manteiga

MERCARIA

SILVINO ALVES DE SOUSA

Vendas por junto e a retalho

R. Francisco Agra—GUIMARÃES

AS DIARRHEAS DAS CREANÇAS e as perturbações da digestão, curam-se, tomando trez comprimidos de Lactosymbiosina por dia.

AS DORES DO RHEUMATISMO desaparecem rapidamente, dando fricções com o BALSAMO ANALGESICO ACTIV. Bisnaga #65. «Sanitas»—T. do Carmo, 1—Lisboa.

MODISTA

Largo do Trovador, 4

Executa-se toda a «toilette» de senhora e creança pelos últimos figurinos.

Preços módicos.

DINHEIRO

Da-se por hipoteca e compram-se predios.

Solicitador Pimenta.



Quereis vestir bem?

Visitai a Alfaiataria Progresso da Moda, de Gaspar Lopes Ribeiro, rua da República (antiga da Rainha).

(onde esteve a casa HIGH-LIFE)

Esta acreditadissima casa confecciona pelos ultimos figurinos toda a classe de obra para homens, senhoras e crianças, garantindo-se a elegancia do corte moderno e o seu perfeito acabamento. Preços sem competencia.

Hospedaria Antiga da Linha

S. PAIO

GUIMARÃES

Esmeradissimo serviço á lista
Especialidade em vinhos da região
Preços modicos

Proprietaria — J. Souza.

INTERNATO MUNICIPAL

Anexo ao Lyceu Central Martins Sarmiento
GUIMARÃES

Com direcção e administração autonoma

Director pedagogico

Dr. Eduardo d'Almeida

Director administrativo

José Caetano Pereira

Director disciplinar

Manoel da Costa Pedrosa

Instrucção primaria

Montou-se uma aula modelo com professor habilitadissimo. Alunos internos e externos.

Instrucção secundaria

Curso dos liceus—no liceu de Guimarães, no mesmo edificio.

Instrucção profissional

Curso de comércio—indispensavel a todos os que se destinam á vida comercial ou desejem sair do país. Scientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico-prático, internos e externos. Admite-se a matricula avulsa em qualquer cadeira.

Preços convencionais para empregados do comércio.

Instrucção artistica

Atelier-escola—expressamente construido. Curso de desenho e pintura—professor o distincto artista Abel Cardoso, pintor, prof. da Esc. Industrial. Aula de música, canto e dança—por um competente professor.

Instrucção física e moral

Inspecção médica permanente—Médico Dr. João d'Almeida—professor do Liceu. Quartos especiais para doentes.

Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos.

Balneario—douches, banhos em tinas de mármore.

Educação moral e civil—palestras e conferencias pelo director pedagogico.

Ginásio académico—exercícios fisicos. Sessões literárias e musicais.

Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A melhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronto.

Tratamento abundante, géneros de primeira ordem, e escrupulosamente limpo.

Direcção pedagogica moderna.

Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das famílias.

COLEGIO DE S.^{ta} MARIA

Madrão GUIMARÃES

(Educação de Meninas)

É o Colégio mais frequentado desta cidade. Solida educação moral e civil. Esmerada educação literaria. Lavoros, musica, pintura, desenho, bordados, etc.

Optima alimentação. Admite alunas, internas, semi-internas e externas.

Pedir programas á directora do Colégio

Emília S' Araujo.



A Azia

e as

Dores do estomago

desaparecem tomando uma e duas horas depois de cada refeição, dois comprimidos de Bicarbonato de Sodio Composto "Sanitas."

A Enterocolite muco-membranosa

e a

Prisão de ventre

curam-se, seguindo uma dieta especial e tomando meia hora antes de cada refeição, um ou dois comprimidos de

Lactosymbiosina

com um copo de agua assucarada

OS

Gazes do estomago e dos intestinos

e as

Digestões dolorosas ou demoradas

Curam-se completamente, tomando no meio de cada refeição, um ou dois comprimidos de Carvão Naphtolado e Anisado "Sanitas."

Estes medicamentos acham-se á venda nas boas pharmacias e no deposito de Lisboa: Neto, Natividade & C.^a - Rocio, 121, 422 - Pedir instrucções, que serão remetidas na volta do correio ao

LABORATORIO "SANITAS",
T. do Carmo 1 - Lisboa

ARMAZEM DE TECIDOS D'ALGODÃO

- DE -

Alberto Pimenta Machado

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Fazendas nacionaes e estrangeiras. Lanifícios, zefires, riscados, cotins, panos brancos e crus, chales, gravatas, etc. etc.

AGENTE DA COMPANHIA DE SEGUROS "TRIUNFO"

Rua 31 de Janeiro - GUIMARÃES

Pão de ló de Margaride

No velho deposito do fallecido João Luiz d'Araujo Gomes, á rua de S. Damaso, encontra-se á venda, pelo mesmo preço da fabrica, o famoso PÃO DE LÓ DE MARGARIDE, fornecido pela acreditadissima Casa de D. Leonor Rosa da Silva.

Camisolas de lã

Para homem, senhora e creança, Corpetes, Ceroulas e Meias de lã, na CASA MARTINS.

Maquinas de escrever, magnetos e todos os aparelhos electricos, concertam-se.

Correspondente da «Ilustração Nacional»
Dirijam-se a Luiz do Souto.

V. Ex.^a faz mal as suas digestões? Fica, depois das refeições, com o estomago cheio e com afrontamentos? Pois tome uma a duas colheres de chá DIGESTINA TRIPlice «ACTIV» no meio de cada refeição e passará a fazer as digestões PERFEITAMENTE.

Pedir instrucções gratis á «Sanitas» - T. do Carmo, 1 - Lisboa.

Capotes Alentejanos

Os verdadeiros agasalhos (Fabricados em Evora)
A' venda na CASA MARTINS.
Largo Dr. Sidonio Paes

Contra a debilidade

recomendamos aos nossos leitores o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, e CONTRA A TOSSE o Xarope Peitoral James da Pharmacia de Pedro Franco & C.^a, rua de Belem, 147 - Lisboa.



CONFEITARIA E MERCEARIA

26 - Rua 31 de Janeiro - 30

GUIMARÃES

A CONFIANÇA

(antiga Mercearia Castro)

86, RUA DE PAYO GALVÃO, 88

Acaba de receber queijo da serra finissimo, e outros artigos proprios para a ocasião presente.

Porisso os proprietarios d'este estabelecimento, pedem á sua Ex.^{ma} clientella o obsequio de o visitar.

D'esde já muito reconhecidos agradecem.

A. Ferreira & Armão.

Alfaiataria Ribeiro & Pinto

56 - Rua 31 de Janeiro - 60

GUIMARÃES

Execução esmerada pelos ultimos figurinos tanto em vestuario para Homem e Creança como em casacos para Senhora.

Corte teorico e pratico

Deseja BOAS FESTAS aos seus numerosos amigos e fregueses.

"ATLANTICA,"

Companhia de Seguros

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital social, Esc. 500:000\$00. Cap. realizado, Esc. 500:000\$00. Fundo de reserva, Esc. 150:000\$00

SÉDE: LOYOS, 92 — PORTO

Receita de 1914, Esc. 36:988\$03,5; de 1915, Esc. 71:197\$29,3; de 1916, Esc. 537:897\$94,6; de 1917, Esc. 3.139:404\$23
Sinistros pagos em 1914, Esc. 22:601\$41; em 1915, Esc. 25:903\$15; em 1916, Esc. 153:470\$90,5; em 1917, Esc. 1.427:035\$74

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Espanha e Egito

Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra grèves e tumultos. Seguros agricolas
Seguros contra quebra de cristais

Seguros de guerra. Seguros maritimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas

Conselho de Administração,

Manoel Joaquim de Oliveira. Jaime de Souza. Silvino Pinheiro de Magalhães.

Directores, *Altamiro S. Santos e Bento d'Oliveira e Silva.*

AGENTES EM TODAS AS TERRAS DO PAÍS

Comissarios de avarias em todos os portos do mundo

DELEGAÇÃO EM GUIMARÃES: Passeio da Independencia, 102 a 105

Armazem de Ferragens e Cutelarias

INDUSTRIA DE GUIMARÃES

SILVA & MENDES

Casa fundada em 1866 por Manoel Lopes d'Araujo Guimarães

87, 89, Rua de Santo Antonio, 91, 93 — GUIMARÃES

Socios e unicos depositarios da

Fabrica a Vapor de Pentes de Chifre e Celluloide

Eduardo & Silva

VENDAS POR ATACADO — Fornecedores dos principaes armazens do Porto, e Lisboa

CASA BARBOSA

Viúva Barbosa, Succesor

Confeitaria, Mercaria e Vinhos

Rua da Republica, 132 — GUIMARÃES

Especialidade em chá e café

Deposito de vinhos gazosos de Anadia, de Lucien Beisecker

Da especial manteiga Flór da Citania, de Paços de Ferreira

E do afamado Café Gonçalves Costa, de LISBOA

ARMAZEM DE SOLA E CABEDAES

Diversas e acreditadas Fabricas

e todas as mais fazendas pertencentes á arte de sapateiro, tamanqueiro e correeiro, etc.

Antonio F. de Mello Guimarães

Rua Nova do Commercio — GUIMARÃES

Res reumaticos

Urodonol granulado

EFFERVESCENTE

Preparado por Henrique Gomes

Pharmaceutico pela Universidade de Coimbra

Este medicamento tem produzido optimo resultado na cura do reumatismo e arthritismo, não offerecendo o seu uso perigo algum para o estomago, nem para os rins, nem para o coração. Vende-se na pharmacia Rodrigo Dias.

Rua da Rainha, 72 — GUIMARÃES

Depositarario da Pharmacia Normal de Lisboa

Fatinhos de malha para creança, o melhor sortido na CASA MARTINS.

BANCO POPULAR PORTUGUEZ

Representante em Guimarães

José Joaquim Vieira de Castro

Realisa todas as operações Bancarias
Aceita dinheiro á ordem em concorrência com a Caixa Economica

FABRICA DE CORTUMES

— E —

Armazem de sola e çabedaes

onde se encontram todos os artigos para sapataria e tamancaria

Antonio Antunes de Castro

38 — Largo do Trovador — 45

GUIMARÃES

Salgado

A mais conhecida e acreditada casa de modas, fazendas brancas e miudezas.

Agente da Companhia de Seguros

G L O B O

Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

HOTEL MINHO E DOURO

MERCEARIA

Escriptorio da Viação Cosme

ANTONIO FRANCISCO D'OLIVEIRA

RUA 31 DE JANEIRO, 19 — GUIMARÃES

